

# A IDEIA

---

**Publicação fundada  
em 1974**

**Não destinada  
a venda comercial**

**Periodicidade  
anual**

---

## REVOLTAS LÓGICAS E REVOLTAS LIBERTADORAS

A recente crise social em França abanou, uma vez mais, este país fulcral no xadrês europeu e suscitou comentários diversos no plano internacional.

Dir-se-ia que a França, com o seu velho centralismo estatal e o espírito latino e anárquico de revolta que, de tempos a tempos, lhe incendeia a alma popular, é uma espécie de barómetro e de sinal avisador das tempestades que se avizinham, que permite aos restantes países porem as suas "barbas de molho".

Desta feita, foram os planos de reforma da segurança social que constituíram a plataforma comum dos descontentamentos acumulados e das desilusões recentes. Aos funcionários e agentes de grandes empresas públicas directamente ameaçados juntaram-se os estudantes, certos sectores operários e várias categorias dependentes dos subsídios do Estado-providência. Apesar da divisão sindical (a autogestionária CFDT era favorável à reforma e o movimento foi desta vez conduzido pela sempre comunista CGT e pela muito moderada FO), a greve foi-se generalizando, as manifestações engrossando e em breve se pedia a queda do governo nomeado pelo presidente Chirac, eleito democraticamente pela maioria dos

franceses ainda há bem poucos meses.

Tal como em 1968, tal como em 1963, em 1948, em 1936, etc. (para não recuar ao tempo das tormentas revolucionárias), a politização de um movimento social foi rápida e imparável. É certo que o nefasto perfil de Chirac, a sua desesperada tentativa de afirmação internacional (jogando simultaneamente na Bósnia, no retorno à estrutura militar da NATO e nos ensaios nucleares), a coorte de partidários de última escolha que o apoia e a inabilidade política do seu governo no plano interno, muito fizeram para a criação deste clima de descontentamento. Mas será que se o presidente fosse Delors - igualmente convencido da necessidade de reforma do sistema de previdência social e "motor" da União Europeia e da sua moeda única - veríamos na rua estes mesmos protagonistas, ou mesmo a greve quase geral instalada nos serviços públicos franceses?

Os comentários sobre estes acontecimentos dividiram-se, como é natural. Referiu-se a ilegitimidade da pressão da rua face a um projecto constante do programa de um governo recém-eleito, e acenou-se com a pureza da reivindicação e do protesto popular. Argumentou-se com a corajosa e indispensável reforma de sistemas de segurança social em falência,

---

# 1995

aberta ou a prazo, e com os malefícios da integração europeia. Esgrimiou-se com a ideia de uma Europa forte face aos Estados Unidos num mercado mundial aberto, e com a crítica deste insaciável capitalismo. Nos grevistas e manifestantes franceses saudou-se o grito de alarme que defende o modelo social europeu construído com sangue, suor e lágrimas, e viu-se a reacção corporativa clássica de defesa de privilégios impossíveis de generalizar a todo o mundo.

Há, contudo, duas coisas a notar. A primeira, é que ninguém parece disposto a pôr em causa, de bom grado, o modo de vida consumista-produtivista instaurado na generalidade da população dos países desenvolvidos. A segunda é a da persistente inexistência de ideias e de sistemas de pensamento, de referências ideológicas, que possam guiar credivelmente um movimento de reforma social no contexto da economia, da informação, da cultura e do poder globais existentes.

Assim, é possível que os movimentos sociais das nossas sociedades desenvolvidas continuem, esporadicamente, a explodir em momentos de críspação e de revolta: na ponte 25 de Abril, como nos caminhos-de-ferro franceses. São revoltas lógicas e compreensíveis, quer pela análise das situações, quer pela vivência e os sentimentos. Mas está por demonstrar que elas sejam também, ao menos em germe,

revoltas generosas e libertadoras.

---

### **Registo:**

- A saída do nº 1 da nova revista **Utopia** (Apartado 2537 - 1113 Lisboa Codex)

- A regularidade de publicação do jornal **A Batalha**, bi-mestral, que vai no nº 153 da sua VI Série (R.Marquês de Ponte deLima, 37-2º Dº, 110Lisboa)

- A persistência do jornal **Singularidades**, no seu Ano II, e de que saiu recentemente o nº 5 (Apartado 13117, 1000 Lisboa) - O notável trabalho de pesquisa e edição de Edgar Rodrigues, no Brasil, que nos últimos anos se tem dedicado mais particularmente à história dos movimentos libertários naquele país. Eis o conjunto de títulos dos seus últimos livros: **Os Anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil; A Nova Aurora Libertária (1945-1948); Entre Ditaduras (1948-1962); O Resurgir do Anarquismo (1962-1980); Quem Tem Medo do Anarquismo?; O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972); O Anarquismo: na escola, no teatro, na poesia; O Homem em Busca da Terra Livre; Os Libertários; e Os Companheiros (1).**

---

**Dir., Prop. e Red.:** João Freire

**Endereço:** Apartado 140  
2490 Ourém - Portugal

**Depositário:** C.E.L., Rua Marquês

**Execução gráfica:**

Tipografia Comercial de Tomar

**Depósito Legal:** 3.276/83

**Registo título:** 104.197

**Registo prop.:** 207.384